

POR UMA GEOGRAFIA ALÉM DA SALA DE AULA

Juliana Dummer

Tutora Externa: Tereza Ness

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI
Licenciatura em Geografia (GED 0082) – Trabalho de Graduação
03/12/13

RESUMO

O presente trabalho de conclusão discorrerá sobre a importância das atividades práticas utilizadas no ensino e aprendizagem em geografia que sobressaem aquelas realizadas no espaço de sala de aula objetivando: realizar um levantamento das práticas realizadas por professores de geografia; apresentar a prática campo ligada ao cotidiano do aluno como método de apoio eficiente não só ao ensino e aprendizagem na disciplina de geografia, mas como recurso essencial na inserção da pesquisa científica no Ensino Médio. As entrevistas realizadas confirmaram que o Trabalho de Campo tem sido cada vez mais deixado em segundo plano dentre as práticas de ensino em Geografia. Tal realidade reafirma uma atual desvalorização do trabalho de campo, que mostra estar relacionada principalmente à inexistência desta prática durante a formação dos professores e a crescente expansão das tecnologias, estendida também às escolas. Tais recursos devem ser vistos como soma das metodologias desenvolvidas pelos professores, mas de forma alguma como capazes de substituir o estudo do meio e a observação direta através da prática de campo.

Palavras-chave: Geografia. Atividades. Sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto professores, devemos estar preocupados que nossos alunos recebam um conjunto de informações específicas e, assim, possam lidar com o conhecimento de maneira “aceitável” e cativante. Necessitamos repensar, qualificar e desenvolver novas reflexões e ações pensando em metodologias de ensino que promovam a análise geográfica e que possibilitem fazer desta uma disciplina atraente. Cabe também a nós educadores e futuros educadores, mediar o processo de aprendizagem, procurando estimular os alunos a buscarem novos significados, “olhar” o que está contido em uma paisagem, até então indiferente a eles.

Desta forma, uma geografia vista

além das paredes escolares é fundamental. Segundo Castrogiovanni et al. (2012), muitas vezes, sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens de cidades distantes, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos. Além disso, compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive, é uma possibilidade de se saber tanto o local quanto o global, pois segundo Castrogiovanni et al. (2012), ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida e as relações sociais se concretizam nos lugares específicos.

Observa-se, no entanto, que o ensino de geografia em muitas escolas de nível básico ainda limita-se às práticas de sala de aula ligadas à cópia de texto, leitura do

livro didático, ou produção de materiais. Portanto, não envolve de forma eficiente o aluno ao mundo do real, na contextualização da teoria com a prática e ao conhecimento do seu próprio lugar pela observação direta. Em nível superior, esta realidade muitas vezes não é diferente, estando os cursos de formação de professores muito distantes da realidade, da prática e da pesquisa de campo, proporcionando aos futuros professores vasto conhecimento teórico, no entanto, carentes de aplicabilidade, alheios à própria realidade local de ensino.

A área de concentração escolhida para este trabalho de conclusão está relacionada às Metodologias de Ensino e Aprendizagem de Geografia, cujo tema é “Por uma Geografia Além da Sala de Aula”. A área de concentração, bem como o tema, foi definida com base nos dados obtidos por experiência docente e observações nas práticas dos estágios realizados durante este curso de graduação.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão discorrerá sobre a importância das atividades práticas utilizadas no ensino e aprendizagem da disciplina de geografia que sobressaem aquelas realizadas no espaço de sala de aula, objetivando: realizar um levantamento das práticas realizadas por professores de geografia; apresentar a prática campo ligada ao cotidiano do aluno como método de apoio eficiente não só ao ensino e aprendizagem na disciplina de geografia, mas como recurso essencial na inserção da pesquisa científica no Ensino Médio.

2 O TRABALHO DE CAMPO POR UMA GEOGRAFIA ALÉM DA SALA DE AULA

Diversas são as possibilidades de aprender/ensinar geografia, pois a geografia está presente em todos os lugares. Como afirma Pontuschka (2004), a rua, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara do vizinho são elementos integrantes de um

espaço e podem ser o ponto de partida para um raciocínio geográfico.

Ao trabalhar conteúdos como a globalização relacionada à existência de uma padronização e homogeneização de condutas ou, até mesmo, de acessos proporcionados pelas tecnologias modernas, o professor de geografia assume um papel importante como facilitador do entendimento do que é global e do que é local. Neste contexto, a prática de campo surge como um instrumento de apoio fundamental na identificação e valorização de diferentes espaços, nas suas particularidades e identidades, pois, ao contrário do que a globalização quer impor, os espaços homogêneos não existem. Diversos autores têm salientado a importância das atividades propostas considerarem o lugar, pois é a singularidade dos lugares que os fazem nascer e existir mesmo que estes pertençam a um contexto maior (cidade, estado, país, mundo). Santos (1996, p. 30) já destacava a importância de ressignificar o lugar em que estamos inseridos:

Intermediário entre o Mundo e o Indivíduo o lugar é a sua maneira o mundo, mas também cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade. [...] Impõem-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano.

Vivemos em um período de reestruturação do ensino Médio no Rio Grande do Sul, para uma tendência menos conteudista e mais cidadã, voltada ao mundo do trabalho e das relações sociais. Nesta perspectiva, o Ensino Médio tem como um dos seus fundamentos principais, a pesquisa como princípio pedagógico. Segundo Azevedo e Reis (2013), a pesquisa aumenta exponencialmente a geração de conhecimento e, como consequência,

a escola deixa de ser o único centro de geração de informações. Cabe ressaltar que a pesquisa que aqui se refere está muito além da biblioteca, ou do ato de baixar informações da internet, ou resumir e copiar textos dos livros didáticos. A pesquisa proposta aqui diz respeito à iniciação à atividade científica e, portanto, ao uso da técnica, ao levantamento de dados, ao estudo do meio, centrado no plano do “fazer pensado”. A prática de campo constitui-se desta forma em um instrumento fundamental nesta reestruturação do ensino, e deve estar prevista nos currículos escolares. Tratando-se de pesquisa científica, o trabalho de campo, segundo Venturi (2009), representa o contato imediato do pesquisador com a realidade, por meio de instrumentos ou por meio de técnicas de observação e interpretação.

Segundo Azevedo e Reis (2013), “derrubar” os muros da escola é a grande linha, e o Seminário Integrado, nova disciplina criada no currículo do Ensino Médio Politécnico no Rio Grande do Sul, se constitui nesse espaço articulador para a problematização e fundamentação dos fenômenos investigados a partir de um projeto de pesquisa que envolva conteúdos das demais disciplinas em atividades interdisciplinares. Desta forma, adotar ações além da sala de aula são mais que necessárias, sendo imprescindível que os educadores das diferentes ciências não só reformulem seus planos de trabalho, mas de fato modifiquem suas práticas, incluindo, entre elas, a prática de campo.

Braun (2005) já afirmava essa importância ao dizer que metodologias como a pesquisa da realidade ou estudo do meio através dos trabalhos de campo possibilitam compreender o mundo da vida indo além da simples transmissão de conteúdos, permite organizar e pensar o espaço e nele organizar-se e viver melhor. Segundo a autora, ainda há muitas incertezas e confusões frente à definição dos fundamentos para a compreensão de uma prática interdisciplinar que objetiva articular, interligar

as disciplinas sem que elas percam as suas especificidades. No entanto, Pontuschka (2004) chama a atenção para que antes de haver interdisciplinaridade, pense-se o espaço geográfico como um todo na sua disciplina. Nesta perspectiva, o trabalho de campo constitui-se como um caminho metodológico que possibilita a articulação entre os vários campos da geografia, bem como entre as diferentes áreas do conhecimento, com a finalidade de contribuir para a formação do cidadão do século XXI.

2.1 O TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES

A atividade de campo é um instrumento histórico na análise geográfica, consolidado ao longo de sua trajetória por diferentes metodologias e enfoques. No ensino, surge como uma possibilidade de leitura do espaço que deve ir além da descrição, do pré-concebido, do estabelecimento de relações, historicidades e justificativas do que é visto. O trabalho de campo deve ser visto, ainda, como um instrumento de busca de novos significados aos conceitos teóricos trabalhados em sala de aula.

Muitos autores, como Dirce Suertegaray (2002), Ligia Cassol Pinto (2003), já evidenciam a necessidade da realização do trabalho de campo, contudo expressam a importância de se romper o caráter apenas descritivo destes e enfatizam a presença de objetivos sociais nas práticas educativas. Cabe também ressaltar que o trabalho de campo atualmente é um grande desafio ao professor, vistas as inúmeras responsabilidades recaídas a este, e a falta de recursos das escolas, principalmente quando o trabalho de campo envolve deslocamento a outra cidade. No entanto, não pode ser definido como impossível e inviável. É imprescindível um planejamento antecipado e uma capacidade de gerenciamento de tempo e pessoas para que os objetivos sejam satisfeitos.

Segundo Rodrigues e Otaviano (2001), o planejamento antecipado é essencial e nele pode ficar definido o sucesso e o insucesso de uma saída da escola, de maneira que sugere-se seguir alguns passos, como: (a) a definição dos objetivos, (b) a escolha do local, (c) a análise do calendário, (d) a realização de um levantamento de recursos e materiais necessários, (e) a busca pela interdisciplinaridade, (f) a motivação dos alunos.

A definição dos objetivos do Trabalho de campo é o primeiro e mais importante passo, pois irá determinar todos os demais. Para definir os objetivos, é preciso considerar a série (ano) em que estão os alunos, e, portanto, a maturidade destes, para assim pensar o que quer alcançar com o Trabalho de Campo, ou seja, pensar o objetivo geral (principal), como, por exemplo, a aquisição de um determinado conhecimento de um tema pela observação direta. Só então a partir da definição do objetivo principal deve-se partir para a definição do lugar e dos objetivos específicos do campo.

A escolha do local é outra etapa que deve ser cuidadosamente analisada. Deve ser escolhida a opção que melhor atenda e não o local que dará menos trabalho. Deve levar em conta também a possibilidade de desenvolvimento da interdisciplinaridade e em seguida reunir um banco de dados do local com: mapas, imagens de satélite, reportagens, etc. Sempre que possível, é importante que o professor conheça previamente a área ou que então reúna o maior número de informações e conhecimentos sobre o local a ser visitado.

A análise do calendário é o passo seguinte após se pensar na data do campo. Definida a data, deve-se consultar não só o calendário da escola, evitando coincidência com outras atividades, como deve ser feito o contato com a administração do local a ser visitado. Caso seja um museu, parque ecológico, entre outros, é preciso solicitar uma

autorização para visita. Desta forma, é válida a elaboração de um cronograma, prevendo também tempo para arrecadação do valor a custear as despesas com transporte, hospedagem e alimentação, aulas de preparação do campo propriamente e pelo menos uma aula para análise e avaliação do campo.

Quanto aos recursos materiais, o principal a ser assegurado é o transporte entre a escola e o local a ser visitado pois, tratando-se de escola pública, na maioria dos casos, nem a escola nem os alunos dispõem de condições para custear o valor. Algumas sugestões neste caso são recorrer a doações por entidades públicas, sendo, neste caso, primordial a elaboração de um documento bem fundamentado, contendo a apresentação do trabalho de campo, objetivos e roteiro. Neste caso, é possível não só conseguir doações de brindes para sorteios, como pastas e canetas para o material a ser entregue para os alunos no dia do campo, bonés, alimentos, entre outros. Outra opção é a promoção de torneios, rifas, pedágios, venda de lanches, que, dependendo da faixa etária dos alunos, pode ser executado por eles mesmos. A promoção de atividades como estas, muitas vezes, cobre não só os custos com transporte, como hospedagem, alimentação e fotocópias de textos, mapas e figuras a serem disponibilizadas para os alunos no dia do campo.

O trabalho de campo pode ser ainda uma excelente opção pela busca da interdisciplinaridade ou pelo menos do desenvolvimento de atividades multidisciplinares durante sua execução ou após esta, em colaboração à fase de apresentação dos resultados através de relatórios ou apresentações virtuais.

Outros aspectos não menos importantes, mas muito pontuais devem ser considerados, como:

- A elaboração de uma apresentação da

atividade aos pais, contendo datas, local, objetivo do trabalho, entre outros. Um modelo é disponibilizado no Anexo I.

- A confirmação de datas e roteiro com a empresa de ônibus e sempre que possível conhecer pessoalmente o ônibus que fará o transporte, assegurando a tranquilidade do campo, e questões como a disponibilidade de banheiro e frigobar quando se tratar de viagens longas, bem como de microfone em funcionamento, que facilitará as explicações do professor durante o percurso.
- A confirmação de datas e o recebimento de autorização para visita ao local escolhido.
- A elaboração de um documento de autorização detalhado para que os pais ou responsáveis assinem. Principalmente quando o trabalho de campo envolver um período maior de tempo (mais de um dia), sugere-se disponibilizar um espaço para que os pais ou responsáveis preencham no caso de cuidados especiais no que diz respeito à administração de medicamentos, casos de sonambulismo, convulsão, síndrome do pânico, entre outros. Um modelo é disponibilizado no Anexo II.¹
- A elaboração e produção do material de apoio ao campo, composto de uma apresentação com roteiro e objetivos, textos de apoio, mapas temáticos, imagens de satélite do local² entre outros.
- Entrega de uma lista de materiais necessários ao campo. Um modelo é disponibilizado no Anexo III.

Outra etapa essencial que antecede o trabalho de campo é a motivação dos alunos. De nada adianta um trabalho bem planejado, com objetivos bem definidos, sem que os alunos estejam de fato motivados a participar. O papel do professor e da escola é fundamental. O primeiro ponto a entender é que alunos não informados dificilmente

serão alunos motivados. O roteiro da viagem, bem como os objetivos do campo, deve ficar bem explicado aos alunos. Sugere-se, durante o preparo do campo, realizar uma formação com os alunos³, com uma sessão de projeção de slides com algumas fotos do local, para melhor exemplificação de como se procederá o campo. Quando se tratando de um local de difícil acesso, um tanto perigoso ou até mesmo muito diferente da realidade a qual os alunos estão acostumados, esta formação se torna indispensável. Há, no entanto, que se fazer uma advertência ao professor, para que este se limite a uma ou duas imagens, sem utilizar um volume exagerado de informações, afinal, este será o objetivo real do trabalho de campo.

Outra opção, que servirá não só de agente de motivação, mas contribuirá para o desenvolvimento de conceitos em geografia e otimização dos conhecimentos esperados para o campo, é o envolvimento dos alunos na preparação do material de apoio a ser disponibilizado no dia do campo. Estas atividades dependerão dos objetivos e do local a ser visitado, podendo envolver a produção conjunta do mapa do roteiro do campo, de perfis temáticos a partir das cartas topográficas⁴ sobrepostas a mapas de geologia, vegetação, geomorfologia, da obtenção e edição de imagens de satélite, da construção de mostuários de rochas, entre outros.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização deste trabalho, optou-se pelo método qualitativo exploratório. Para melhor compreensão, as etapas deste trabalho foram divididas em levantamento bibliográfico (pré-campo), levantamento de campo e análise e discussão dos dados.

¹ É importante lembrar, que é exigência do DAER (Departamento de Aviação e Rodovias), quando a viagem envolve transposição de estados, apresentação de autorizações autenticadas em cartório.

² Estas imagens podem ser obtidas gratuitamente no programa *Google Earth*®.

³ Sugere-se que esta formação seja estendida aos demais professores que farão parte da viagem e eventualmente irão ajudar na coordenação do campo, evitando desentendimentos e quebra do planejamento.

⁴ Cartas topográficas normalmente são encontradas nas prefeituras dos municípios, podendo constar na reestruturação curricular do Ensino Médio no Rio Grande do Sul, como: Azevedo e Reis (2013).

A etapa de levantamento bibliográfico compreendeu a consulta de livros, artigos e teses que tratam de metodologias de ensino e da prática do trabalho de campo em geografia como: Rodrigues e Otaviano (2001), Kaercher (2004) Braun (2005), Castrogiovanni (2012).

A etapa de campo compreendeu a realização de uma pesquisa das práticas de ensino utilizadas por professores em suas aulas de geografia através de entrevistas. Foram entrevistados 3 professores do município de Camaquã, de forma aleatória, evitando tendenciosidade e de maneira que se entrevistasse um professor por escola apenas, pública ou privada, sendo um ao menos da rede privada. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro previamente estabelecido, tendo como referência a metodologia utilizada por Kaercher (2004), com comentários de quadros sínteses disponibilizados no Anexo IV. O roteiro é composto primeiramente por questões gerais, que objetivam conhecer o professor, e depois questões sobre as suas práticas metodológicas de ensino. O roteiro tem o objetivo de gerar subsídios para compreender estas práticas, como questões que tratam das suas experiências acadêmicas e da sua formação. Sendo assim, foram entrevistados três professores que ministram aula de geografia, sendo dois na rede pública estadual de ensino e um na rede privada.

A etapa de análise e discussão dos dados envolveu a análise e discussão das entrevistas com base no referencial teórico, na vivência das práticas de estágio durante este curso, e na própria experiência de docência enquanto professora de geografia e seminário integrado na rede estadual de ensino. Por fim, esta etapa compreendeu a elaboração deste trabalho versando sobre o tema em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados via

entrevistas foi realizado com três professores de geografia que aqui serão tratados como P1, P2 e P3, a fim de preservar suas identidades. Dos três professores entrevistados, dois são do gênero feminino e um do gênero masculino, com idades que variam de 37 a 64 anos de idade. Todos ministram aulas de geografia, porém dois possuem formação em geografia e história, e um formação em história com especialização em geografia, sendo este último o único com pós-graduação. P1 possui 34 anos de experiência docente, é professora da rede estadual de ensino e relatou estar inclusive em processos de obtenção de licença prêmio por tempo de serviço. Já P2 é professor da rede estadual e em uma escola particular, sendo considerada nesta entrevista sua experiência como docente na rede privada. P2 possui seis anos de experiência docente. P3 é professora da rede estadual e possui 23 anos de experiência docente em geografia. Todos residem em Camaquã e foram formados em curso oferecido nesta cidade.

Quando questionado sobre o que os motivou a cursar geografia, todos afirmaram que o gosto pela disciplina foi a razão principal, sendo que P1 relatou ainda que este era um dos poucos cursos como opção na cidade. Os três professores trabalham com Ensino Médio Politécnico, conforme nova reestruturação curricular no Rio Grande do Sul, sendo que P2 trabalha com Ensino Fundamental e Médio normal e terceiro (terceiro ano intensivo para o vestibular) no ensino privado.

Visou-se neste momento, realizar um levantamento simplificado das práticas de ensino em geografia a partir da entrevista dos três professores que compuseram a base da pesquisa, sem o objetivo de julgar como sendo certo ou errado, por se tratar de algo ainda superficial e pontual através de um roteiro com perguntas, mas sim com o objetivo de realizar uma análise de maneira crítica e reflexiva. P1, professora da rede

estadual há 34 anos, disse utilizar-se de aulas expositivas e trabalhos em grupo, sendo os recursos mais frequentes o áudio, DVD de filmes e documentários e o livro didático. Já o P2, professor da rede privada disse que suas aulas são sempre virtuais, com uso de lousa digital, utilizando como recursos a música, *blogs*, redes sociais e o material elaborado pela instituição. P3 afirmou possuir como metodologia principal em suas aulas a leitura e discussão de trabalhos em grupo e a elaboração de resenhas, sendo o projetor multimídia, revistas, internet e livro didático os recursos materiais mais frequentes.

Cabe ressaltar que até este momento da entrevista nenhum professor citou a prática de campo como método ou instrumento de ensino em suas aulas de geografia. Quando questionados sobre a visão que possuem sobre o trabalho de campo, P1, um tanto surpresa com a questão, disse considerar importante porque os alunos se interessam mais pelas aulas, mas que a falta de recursos e a burocracia escolar que envolve solicitação de autorização aos pais é muito grande, torna-se uma prática inviável hoje em dia. Como disse P1: *“Trabalho de Campo é responsabilidade demais para o professor”*.

Quando P1 é questionada sobre realizar trabalho de campo, como foi e onde foi desenvolvido, responde: *“Já realizei sim, hoje não mais. Foi um sucesso, os alunos se integraram bastante. Já fiz saída com os alunos para Gramado, Santa Catarina, percursos a pé no centro da cidade, no lixão, na barragem de captação de água. Não realizo mais estas saídas de campo há uns 3 ou 4 anos porque é muita responsabilidade para o professor, tem que pegar autorização com os pais.”* P1 mostra-se desanimada e desiludida aos seus 34 anos de docência, não disposta a assumir riscos e compromissos com atividades como o trabalho de campo.

Já P2, quando questionado sobre a prática de campo em geografia, disse: *“É*

complicado sair, prefiro a sala de aula! Até acho importante, mas o meu perfil de aluno não se importa, não gosta. Lembro de um campo que eu propus um Trabalho de Campo na cidade e eu percebi que eles estavam se combinando para não ir aí eu cancelei a saída”.

A impressão que se teve é que de fato P2, por possuir um perfil de aluno de classe média a média alta, cercada de tecnologia, essa não é (ao menos que se prove o contrário), uma atividade que chame a atenção. No entanto, o professor demonstra não reconhecer a importância do trabalho de campo para o ensino de geografia, sobretudo no período que vivemos sob uma revolução de tecnologia, virtualidade e desvalorização do local. Isso reafirma-se no momento em que P2 diz que em seis anos de experiência docente realizou apenas uma saída de campo à Barragem do Arroio Duro, (barragem responsável pelo abastecimento de água da cidade) com o objetivo de visualizar a paisagem com uma turma do 7º ano.

Ao contrário, P3 disse considerar a prática de campo importante, pois torna o conteúdo “vivo”. Disse ainda ter realizado e realizar atualmente atividade de campo com frequência em locais como: Barragem do Arroio Duro, no lixão, na Barragem Maria Ulguim, no Arroio do Passinho, entre outros. No entanto, seus trabalhos de campo se constituem na entrega de um tema (problema de pesquisa) aos alunos, e estes devem então sair para pesquisa sem a intermediação e os conhecimentos prévios do professor ou tampouco munidos de recursos como roteiro, mapas ou imagens de satélite e/ou dados preliminares da área a ser visitada.

Com vistas a verificar a valorização do local a partir da prática de campo, foi perguntado aos quatro professores se os mesmos trabalhavam a realidade a qual estão inseridos seus alunos e como isto é feito. P1 respondeu: *“Sim! Normal. Gosto de trabalhar o local e depois o fora”*. “A

geografia abre horizontes...”. P1 disse obter essa prática por meio do uso de jornais e debates em sala de aula. P2 também disse contextualizar a realidade local dos alunos, porém com o uso de reportagens do Brasil em telejornais. Já P3 parece entender melhor a proposta de inserção do cotidiano do aluno aos conteúdos de sala ao afirmar que propõe temas de pesquisa por bairros. Cada aluno ou grupo de alunos faz a pesquisa em seu bairro de moradia.

No entanto, quando perguntados sobre a inserção do cotidiano do aluno a partir de trabalhos de campo, P1 disse não realizar atualmente, P2 citou seu único trabalho de campo a Barragem do Arroio Duro. Já P3 citou outros trabalhos, como, por exemplo, a respeito dos setores da economia em que os alunos deveriam realizar uma pesquisa no comércio local da cidade. No entanto, esta foi também uma atividade realizada pelos alunos de maneira autônoma, sem a mediação do professor.

Visando mais uma vez compreender as práticas de ensino de geografia pelos professores pesquisados, foi-lhes pedido que relatassem uma aula por eles ministrada e por eles considerada interessante. Para P1 Foi uma aula sobre meio ambiente. Eles escolhiam um tema, por exemplo, água, e tinham que fazer uma pesquisa e montar um material artesanal sobre esse tema. Para P2, foi uma aula com o terceiro, na qual os alunos assistiram a vídeos do Jornal Nacional com os debates políticos de cada candidato a presidente e os seus planos econômicos para posterior discussão. Para P3 foi a criação de um júri simulado em sala de aula para discutir determinado tema. Tais respostas sugerem que as atividades extra sala não estão entre as mais utilizadas, tampouco o trabalho de campo valorizado entre as práticas pedagógicas dos professores.

As questões que seguiram a entrevista tiveram como objetivo compreender a postura

metodológica dos professores pesquisados e assim poder refletir sobre todos aqueles enquanto professores de geografia. Para tanto, foi primeiramente pedido a cada um dos entrevistados que descrevessem as principais diferenças entre a geografia ensinada na escola e a geografia estudada na universidade.

P1 diz: *“Quando cheguei na faculdade, percebi que na escola não tive os conteúdos corretos. Na universidade é mais amplo”*.

Já P2: *“São bem diferentes. É outro curso. A geografia da universidade está fora da realidade, não nos prepara para darmos aula”*.

P3: *“Considero completamente diferentes! Na universidade há muito conhecimento teórico”*.

Ficam destas respostas outros questionamentos ainda sem resposta como: o que os leva a pensar assim? Estaria a geografia universitária de forma errada ou a geografia escolar distorcida? Estaria faltando demonstração prática e aplicabilidade nos cursos de formação de professores?

Os professores são questionados então sobre a experiência com o trabalho de campo durante a formação acadêmica, o que revelou que esta experiência é muito pequena, e aparentemente vaga, ou até mesmo nula. P1 afirmou nunca ter participado de uma saída de campo, viagem de estudos, levantamento de campo e/ou visita técnica durante a sua formação acadêmica. P2 lembrou-se de algumas visitas a museus durante sua graduação em história, porém em sua graduação em geografia nunca houve uma atividade prática além da sala de aula. P3 relatou uma viagem a um congresso de história no Rio de Janeiro como algo único e inesquecível.

Considerou-se, por fim, a

reestruturação curricular pela qual passam as escolas do Estado do Rio Grande do Sul, de um Ensino Médio normal a um Ensino Médio Politécnico que visa, entre outros, a inserção da pesquisa científica, para a qual a prática de campo se estabelece como instrumento fundamental no levantamento de dados, estudo e análise. Por isso, realizou-se as duas últimas questões que dizem respeito à experiência dos professores com projetos de pesquisa científica e de suas práticas em formação continuada e produção científica. Os professores afirmaram não possuir experiência com projeto de pesquisa. P1 nunca realizou ou colaborou com um projeto de pesquisa. P2 disse apenas recordar de um levantamento de dados via entrevistas para o seu trabalho de graduação em história. Já P3 nunca desenvolveu projeto de pesquisa científica, mas atualmente orienta projetos em nível superior. Quanto à participação em eventos, congresso de geografia e/ou compra de livros na área de ensino e/ou geografia P1 respondeu: *“Não participo. Também não tenho comprado livros. Graças a Deus vou me aposentar daqui a 6 dias”!*

P2 disse participar apenas dos seminários de formação da rede a qual a escola está vinculada e oferece, e que os livros que lê e adquire atualmente também são da mesma rede. P3 também relatou não participar de tais eventos nem comprar livros, pois utiliza com frequência as bibliotecas da escola e faculdade.

5 CONCLUSÃO

Ver possibilidades de ensino e aprendizagem de geografia além da sala de aula é necessário, ainda mais quando se objetiva a contextualização do espaço cotidiano, do lugar ao qual o aluno está inserido. O trabalho de campo, seja como método, com fins de ensino, ou como técnica na realização de pesquisas deve ganhar mais atenção dentro das práticas escolares de geografia, como também, em todas as ciências com vistas às reestruturações

curriculares e à inserção da pesquisa científica no ensino básico. É preciso, é claro, reconhecer que se trata de uma tarefa árdua e de muita responsabilidade do professor, mas muito gratificante, se realizada com planejamento e seriedade, seguindo alguns passos, como os descritos.

As entrevistas realizadas com três professores de geografia que compuseram a base da pesquisa, tendo o intuito de conhecer, mesmo que de maneira superficial, as práticas de ensino desenvolvidas por este, confirmaram que o trabalho de campo tem sido cada vez mais deixado em segundo plano dentre as práticas de ensino em Geografia. Ao ponto que dos três professores pesquisados, apenas um propõe pesquisas de campo, no entanto sem a sua participação. Tal realidade reafirma uma atual desvalorização do trabalho de campo, que mostra estar relacionada principalmente à inexistência desta prática durante a formação dos professores, que, por isso, não reconhecem a importância do trabalho de campo, ou simplesmente pela falta de experiência que possuem, julgam ser uma tarefa muito difícil.

Outro ponto fundamental à desvalorização das atividades além da sala de aula é a crescente expansão das tecnologias, estendida também às escolas, com o acesso facilitado a computadores, internet e lousas digitais. Tais recursos devem ser vistos como soma às metodologias desenvolvidas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem, mas de forma alguma como capazes de substituir o estudo do meio e a observação direta através da prática de campo. O atual aluno quer cada vez mais saber o porquê se aprende o que se aprende e para que esse aprendizado servirá, tornando-se portanto, necessário superar a visão do trabalho de campo como um desafio impossível (como é visto por muitos professores).

Acredita-se ainda que este trabalho de conclusão tenha contribuído à valorização

das atividades de ensino e aprendizagem em geografia que sobressaem aquelas realizadas no espaço de sala de aula. E que, indo além, tenha possibilitado um maior aporte teórico e metodológico ao desenvolvimento de trabalhos de campo de maneira eficiente e multiplicadora do interesse pelo estudo, valorizando a experiência obtida durante a formação acadêmica como geógrafa e enquanto professora e amante dos trabalhos de campo.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO C. de; e REIS, J. T. **Reestruturação do Ensino Médio:** pressupostos teóricos e desafios da prática. 1. ed. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.
- BRAUN, Ana Maria Swarowsky. **Rompendo os Muros da Sala de Aula:** O Trabalho de Campo como uma linguagem no ensino de Geografia. 161f. 2005. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. *et al.* **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. 10 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente:** a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 2004.
- PINTO, M. L.C. **Trabalho de Campo e o processo de aprendizagem em busca de um método.** Espaços da Escola, o ensino da geografia na educação básica. Ijuí. UNIJUÍ, Ano 12, n. 47, p. 15-20, jan/mar. 2003.
- PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. **O ensino de geografia no século XXI.** Campinas: Papyrus, 2004. p. 249 -288.
- RODRIGUES, B. A. e OTAVIANO, A. C. **Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia.** Geografia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10213>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SUERTEGARAY, Dirce M. A. Pesquisa de Campo em Geografia. In: **Revista Geographia**, Niterói, vol. 7, 2002, p. 92-99.
- VENTURI, A. B. L. **Praticando a geografia:** técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de textos, 2009.

ANEXOS

ANEXO I - EXEMPLO DE INFORMATIVO AOS PAIS

VIAGEM DE ESTUDOS EM GEOGRAFIA

Prezados pais ao cumprimenta-los informamos que nos **dias 27 e 28 de abril** será realizada uma viagem de estudos **aos Aparados da Serra** (Canyons Fortaleza e Malacara) **como complemento aos conteúdos desenvolvidos nas aulas de geografia** das turmas de Ensino Médio e EJA do turno da noite sob coordenação da professora Juliana Dummer. A saída ocorrerá no sábado as 4:30 da manhã em frente a escola, percorrendo as diferentes províncias geomorfológicas do nosso estado com paradas para observações no caminho e um passeio em trilhas nos Municípios de Cambará do Sul e Praia Grande (SC), onde nos hospedaremos na pousada Nativos dos Canyons. **O custo da viagem será de R\$ 80,00 para as meninas e R\$ 65,00 para os meninos** (os meninos devem providenciar barraca). Para tanto estamos organizando atividades para arrecadação de valores como ajuda de custos. Maiores informações com a Direção e Prof.^a Juliana Dummer na escola. Obs.: O ônibus dispões de 43 lugares para alunos. Reservas até dia 15 de março mediante pagamento de 50% do valor.



**ANEXO II- EXEMPLO DE AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE UM
TRABALHO DE CAMPO**

**Escola Estadual de Ensino Médio Professora
Alaídes Schumacher Pinheiro
Chuvisca/RS**

Autorização:

Autorizo meu/minha filho/filha _____,
RG Nº _____ a viajar,
em excursão para Aparados da Serra, RS (trabalho de campo da disciplina
de geografia), nos dias 27 e 28 de abril de 2013, com saída da escola prevista
para às _____ horas do dia 27 de abril o e retorno previsto para as 23
horas do dia 28 de abril.

Telefone de contato da professora Juliana: 98593998 e 82573868

Ass. Pai/Mãe e/ou Responsável

Telefone para contato: _____

Solicito cuidado especial em relação a: _____

ANEXO III: EXEMPLO DE LISTA DE MATERIAIS PARA O CAMPO

Viagem de Estudos/Trabalho de campo de geografia

O que você precisa levar:

- Carteira de Identidade
- Lanche para o café e almoço de sábado
- Prancheta com folhas ou caderno para anotações (diário de campo)
- Lápis 3B para desenho
- Câmera fotográfica
- Boné, protetor solar, repelente e garrafas (600 ml) com água congelada.
- Uma mochila leve para carregar estes itens
- Tênis (de preferência dois pares), roupa confortável e simples para caminhada
- Materiais de higiene pessoal
- Muita disposição para caminhada sob sol quente ou chuva
- Responsabilidade e espírito de equipe

Obs.: Meninos devem levar ainda:

- barraca, colchão, roupa de cama e toalhas de banho.

O que você não pode levar:

- Preguiça e mau humor
- Facas, canivetes, objetos cortantes em geral
- Bebida alcoólica, cigarro ou qualquer item do gênero.

ANEXO IV- QUADROS SÍNTESE DAS RESPOSTAS OBTIDAS NAS ENTREVISTAS

QUADRO 1 – FORMAÇÃO DOCENTE

Prof.º	Gênero	Idade	Licenciado em	Experiência Docente (anos)	Pós-Graduação	Tempo na escola atual (anos)
P1	Feminino	64	Geografia/história pela UCPEL	34	-	25
P2	Masculino	37	História pela ULBRA Geografia pela UNIASSELVI	06	Gestão ambiental (interrompida)	03
P3	Feminino	44	História/Licenciatura – (UCPel)	23	- Metodologias do Ensino Geográfico. - Gestão em Educação. - Educação com Ênfase em Supervisão.	

QUADRO 2 – MOTIVAÇÃO PARA CURSAR GEOGRAFIA

Prof.º	O que motivou você a cursar geografia na Universidade?
P1	Eu gostava da disciplina quando estudante no ensino básico, e também porque era um dos poucos cursos disponíveis para se fazer na cidade.
P2	Sempre gostei das ciências humanas, principalmente de geografia.
P3	Não sou formada em geografia mas fiz pós-graduação em geografia porque é o que gosto mais.

QUADRO 3 – JORNADA DE TRABALHO

Prof.º	Séries/anos em que leciona	Turnos em que trabalha	Tipo de Escola
P1	1º e 2º ano do Ensino Médio Politécnico	Manhã	Pública/Estadual
P2	De 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio	Manhã	Particular
P3	1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio	Manhã	Esc. Pública Estadual

QUADRO 4 – METODOLOGIA DE ENSINO

Prof.º	Quais procedimentos você desenvolve com seus alunos? Por que este tipo de aula?
P1	Eu faço muita aula expositiva, trabalhos em grupos.
P2	Minhas aulas são quase sempre virtuais pelo <i>site</i> preze.com, através do <i>blog</i> na lousa digital. Utilizo esse tipo de aula para superar a questão do uso de celular pelos alunos em sala, é uma forma de “prendê-los” com a tecnologia.
P3	Leitura e discussão, trabalhos em grupo, elaboração de resenhas.

QUADRO 5 – OS MEIOS DE ENSINO

Prof.º	Quais recursos didáticos você utiliza?
P1	Áudio, DVD, Livro didático e às vezes projetor multimídia.
P2	Lousa, <i>sites</i> , <i>blog</i> , grupos de redes sociais, música (paródia), material didático disponibilizado pela escola.
P3	Projetor Multimídia, revistas, computador e internet e livro didático.

QUADRO 6 - A PRÁTICA DE CAMPO EM GEOGRAFIA

Prof.º	Como você vê a prática de campo na disciplina de geografia? Considera importante? Por quê?
P1	Considero importante mas falta recurso e a burocracia com a escola e os pais é muito grande. Trabalho de campo é responsabilidade demais para o professor.
P2	É complicado sair! Prefiro sala de aula. Até acho importante mas o meu perfil de aluno não se importa, não gosta. Lembro de um campo que eu propus na cidade e eu percebi que eles estavam se combinando para não ir aí eu cancelei a saída.
P3	Sim! Por que usa o recurso do cotidiano deles. Por que torna o conteúdo vivo.

QUADRO 7 - A PRÁTICA DA PRÁTICA

Prof.º	Você já realizou ou realiza atividade práticas de campo? Como? Onde? Por quê?
P1	Já realizei sim, hoje não mais. Foi um sucesso, os alunos se integraram bastante. Já fiz saída com os alunos para Gramado, Santa Catarina, percursos a pé na cidade, no lixão da cidade, na barragem de captação de água. Não realizo mais estas saídas de campo há uns 3 ou 4 anos porque é muita responsabilidade para o professor, tem que pegar autorização com os pais...
P2	Sim. Na barragem do Arroio Duro com uma turma de 7º ano para descrever paisagem.
P3	Realizo! Passo um tema de pesquisa e eles saem para pesquisar. Já propus pesquisas na Barragem do Arroio Duro, no lixão, para Barragem Maria Ulguim, no Arroio do Passinho, entre outros.

QUADRO 8 - CONSIDERAÇÃO AO COTIDIANO DOS ALUNOS

Prof.º	Você relaciona os conteúdos à realidade em que vivem os alunos? Como e por quê?
P1	Normal. Gosto de trabalhar o local e depois o fora. A geografia abre horizontes.
P2	Sim. É preciso. Com reportagens sobre o Brasil.
P3	Trabalho de pesquisa por bairros. Passo um assunto, e os alunos pesquisam nos seus bairros de moradia.

QUADRO 9- CONSIDERAÇÃO AO COTIDIANO DOS ALUNOS EM ATIVIDADE PRÁTICA FORA DA SALA DE AULA

Prof.º	Você já trabalhou a realidade em que vivem os alunos em atividade práticas de campo? Como e com que objetivo?
P1	Sim. Faço isso muito com jornais, notícias e debates em sala.
P2	Sim. Com esta saída na barragem do Arroio Duro.
P3	Sim. Um a pesquisa sobre os setores da economia a partir do comércio de Camaquã.

QUADRO 10 - AULA INTERESSANTE

Prof.º	Relate uma aula que você considera interessante, ministrada durante sua docência.
P1	Foi uma aula sobre meio ambiente. Eles escolhiam um tema, por exemplo, água, que tinham que fazer uma pesquisa e montar uma matéria artesanal sobre esse tema.
P2	Foi uma aula com o terceirão. Eles assistiram a vídeos do Jornal Nacional com os debates políticos de cada candidato a presidente e os seus planos econômicos.
P3	Juri Simulado.

QUADRO 11 – DIFERENÇAS ENTRE GEOGRAFIA ACADÊMICA E GEOGRAFIA ESCOLAR

Prof.º	Descreva as principais diferenças entre a geografia ensinada na escola e a geografia estudada da universidade
P1	Quando cheguei na faculdade, percebi que na escola não tive os conteúdos corretos. Na universidade é mais amplo.
P2	São bem diferentes. É um outro curso. A geografia da universidade está fora da realidade, não nos prepara para darmos aula.
P3	Considero completamente diferentes! Na universidade há muito conhecimento teórico.

QUADRO 12 – A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE CAMPO DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Prof.º	Você realizou alguma viagem de estudos, levantamento campo e/ou visita técnica durante a sua formação acadêmica? Como você avalia esta experiência?
P1	Nunca. Não existia.
P2	Sim. Algumas visitas a museus durante o curso de história.
P3	Viagem para um congresso no Rio de Janeiro durante a formação acadêmica em história.

QUADRO 13– A EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA CIENTÍFICA

Prof.º	Você já desenvolveu/colaborou com algum projeto de pesquisa científica? Como foi esta experiência? Que tipo de levantamento de dados envolveu?
P1	Não. Nunca participei/trabalhei com um projeto científico.
P2	Nunca trabalhei com projeto de pesquisa científica. Agora, lembrei que durante o curso de história para o meu trabalho de conclusão eu fiz umas entrevistas.
P3	Só atualmente com orientação em curso superior.

QUADRO 14 – EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS ATUAIS

Prof.º	Atualmente você tem participado em eventos, congressos em sua área de formação? Têm comprado livros acadêmicos de geografia e/ou ensino?
P1	Não. Também não tenho comprado livros. Graças a Deus vou me aposentar daqui a 6 dias.
P2	Sim, seminário que a escola me proporciona. Compro livros do sistema Positivo e Coque que são os livros que a minha escola trabalha.
P3	Não. Utilizo muito as bibliotecas.